

REVOLUÇÃO CUBANA X INTOLERÂNCIA POLÍTICA: uma proposta de pesquisa e ensino¹

Ana Flávia Ribeiro Santana *
Viviane da Silva Pereira **

Resumo: A proposta desse trabalho é apresentar algumas sugestões de como a temática da Revolução Cubana pode ser trabalhada em sala de aula pelo professor com os alunos do Ensino Médio. Antes de elaborar essas sugestões teórico-didáticas, realizamos uma análise em alguns livros de História Geral e do Brasil, a fim de identificar os limites e os avanços desses materiais, buscando também entender como a questão da intolerância política em relação à Revolução Cubana é abordada. Por meio desse exercício, percebemos a necessidade do professor unir a prática da pesquisa e do ensino para desenvolver suas “experiências” no “laboratório” da sala de aula.

Palavras-Chave: Ensino. Pesquisa. Revolução Cubana. Intolerância Política.

Abstract: The proposal of this article is to present some suggestions with how to thematic one of the Cubans Revolution can be worked in class-room towards teacher with students of high school. Before elaborating these suggestions theoretician-didactics, we carry through an analysis in some books of General History and Brazil, to identify the limit and development this material to quest to understand with question of politics intolerance relate Cuban Revolution is accosted. With this exercise, see though necessity teacher join to practice of research and teach to develop his experiences of lab class-room.

Keywords: Teach. Research. Cubans Revolution. Intolerance Politics.

¹ Este artigo aponta algumas discussões apresentadas no Seminário “Revolução Cubana x Intolerância Política: uma proposta de pesquisa e ensino”, realizado pelas alunas Ana Flávia Ribeiro Santana e Viviane da Silva Pereira no dia 19/09/2006, como atividade da disciplina de Oficina em História I, ministrada pelos professores Dr^a. Vera Lúcia Puga e Ms. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.=

* Aluna do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

** Aluna do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Apresentação

Nos últimos meses verificamos que Cuba passou a ser objeto de notícia de vários órgãos da imprensa mundial. Ao que se refere à imprensa brasileira, dando destaque ao *Jornal Nacional* e a *Folha de São Paulo*, observamos que a doença do líder cubano Fidel Castro trouxe à tona algumas discussões relativas aos limites e desafios do processo revolucionário de Cuba na América Latina². Ao lado das reportagens sobre o estado de saúde de Fidel, eram apresentados alguns comentários a respeito da trajetória histórica cubana, enfatizando desde o processo de independência em relação à metrópole espanhola no final do século XIX até as crises do atual governo socialista.

Essas “informações”, associadas a algumas leituras e debates que realizamos ao longo da disciplina de Oficina em História I a respeito do conceito de intolerância, motivou-nos a sugerir algumas propostas de como a temática da Revolução Cubana pode ser trabalhada em sala de aula pelo professor do ensino médio, considerando importante destacar a questão da intolerância política, principalmente no relacionamento pseudo-diplomático entre cubanos e norte-americanos ao longo do processo revolucionário cubano.

Realizamos inicialmente um exercício de pesquisa em dois livros didáticos para identificarmos como a temática da Revolução Cubana é trabalhada nesses materiais. Para além das críticas, verificamos os avanços e limites apontados por tais livros, como também as estratégias didáticas apresentadas para atrair a atenção dos alunos, podendo despertar envolvimento ou desinteresse.

Em seguida, realizamos um levantamento de materiais produzidos sobre a temática, presentes na biblioteca do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia e na Internet. A partir da análise desse material (reportagens, documentário, obras acadêmicas, sites de pesquisa, discursos de Fidel Castro

² Ao pesquisarmos algumas reportagens do site da *Folha de São Paulo*, verificamos uma significativa quantidade de “notícias” relacionadas à trajetória do Governo Fidel Castro (*Leia a cronologia do governo de Fidel Castro*, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u98528.shtml>, Arquivo capturado em 20/08/2006), à possível “abertura” ou “transição do regime” socialista cubano (*Brasil não vai intermediar transição em Cuba*, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99198.shtml>, Arquivo capturado em 19/08/2006; *EUA querem que o Brasil pressione Cuba por abertura*, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99158.shtml>, Arquivo capturado em 18/08/2006) e em relação à rivalidade político-econômica entre cubanos e norte-americanos (*O presidente de Cuba, Fidel Castro, disse nesta quarta-feira que não pretende ficar no cargo até os cem anos de idade*, http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/07/060727_cuba_fidel.shtml, Arquivo capturado em 19/08/2006; *EUA respondem a Raúl Castro que não têm planos de invadir Cuba*, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99159.shtml>, Arquivo capturado em 18/08/2006; *Raúl Castro teria ordenado derrubar aviões de grupo anticomunista*, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99238.shtml>, Arquivo capturado em 20/08/2006).

e livros-paradidáticos) apresentamos algumas sugestões teórico-didáticas de como a temática do processo revolucionário cubano pode ser trabalhada pelo professor no ensino médio, para além do conteúdo dos livros didáticos, considerando que a tarefa do professor não é apenas ensinar, mas também pesquisar, visto que a pesquisa é indispensável à elaboração de aulas criativas visando à interação e o aprendizado dos alunos.

Algumas reflexões sobre o conceito de tolerância / intolerância na trajetória dos países latino-americanos: o exemplo de Cuba

Por meio do “mundo das notícias” e da experiência cotidiana verificamos que a intolerância não para de crescer em todo planeta, seja ela racial, étnica, religiosa ou política. Segundo Wiesel³ a intolerância é o inimigo e a violência é a linguagem da intolerância que gera o ódio. Mas como reconhecer a intolerância? Como discerni-la?

Para trabalhar estes temas, destacamos o texto do professor Clodoaldo Meneguello Cardoso⁴ e os artigos dos autores Elie Wiesel⁵, Umberto Eco⁶, Paul Ricoeur⁷ e Françoise Héritier⁸ reunidos no livro *A intolerância*, organizado a partir das palestras e debates ocorridos no Foro Internacional de Intolerância, sediado em Paris, na França, em 1997. O texto de Clodoaldo Meneguello Cardoso,

³ “Elizer Wiesel, mais conhecido como *Elie Wiesel*, (Sighetu Marmápiei, 30 de setembro de 1928) é um judeu nascido na Romênia sobrevivente dos campos de concentração nazistas que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1986 pelo conjunto de sua obra, quase 40 livros, montada para resgatar a memória do Holocausto e defender outros grupos vítimas de perseguições. Atualmente, mora na cidade de New York e tem cidadania americana”. http://pt.wikipedia.org/wiki/Elie_Wiesel. Arquivo capturado em 19/09/2006.

⁴ CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade*. São Paulo: EDUNESP, 2003.

⁵ WIESEL, Elie. Prefácio. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁶ ECO, Umberto. Definições léxicas. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁷ RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁸ HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a intolerância. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

contribui para entendermos que o conceito de tolerância é construído historicamente, ou seja, num determinado espaço, tempo, a partir de um referencial de cultura e sociedade. Os filósofos Locke e Voltaire, partem dos referenciais culturais da sociedade europeia ocidental. Por meio das discussões realizadas por esses dois filósofos iluministas sobre o conceito de tolerância verificamos que a referência de cultura europeia é apresentada enquanto universal, não considerando as especificidades culturais de outros povos.

Desse modo, quando Locke, na *Carta acerca da tolerância*⁹ “procura pensar a religião cristã distinta do poder estatal, inserida em uma sociedade contratualista e, portanto, fundada sobre princípios civis”, defendendo a liberdade religiosa das diversas religiões, cristãs e não cristãs, ao separar o poder religioso do poder secular, aponta para uma tolerância religiosa ancorada na idéia de diversidade. Essa “diversidade humana” pautava-se no ideário racionalista, desenvolvido pela sociedade europeia a partir dos movimentos religiosos da Reforma Protestante e Contra-Reforma, bem como das “grandes invenções” científicas iniciadas principalmente no século XVII.

De semelhante modo, Voltaire, no *Tratado sobre a Tolerância*¹⁰, “embora justifique a diversidade de caminhos que levam a Deus, joga o peso maior da argumentação, em favor da tolerância universal, na identidade ontológica do ser humano e no imperativo social. Na imensidão do tempo e do espaço, nossas diferenças culturais, étnicas ou raciais tornam-se insignificantes diante de nossa identidade humana como seres ínfimos e efêmeros.”¹¹. Nessa perspectiva, Voltaire entende a idéia de identidade humana a partir da idéia de identidade da cultura europeia também pautada na visão racionalista.

Ao prosseguir a reflexão sobre o(s) conceito(s) de tolerância “exportada” ou formulada nos países latino-americanos Clodoaldo Meneguello Cardoso destaca duas concepções: a primeira se refere aos significados atribuídos a esse termo no século XVI – *tolerância*: “constância em suportar, permitir, condescender”. De acordo com o autor, tais significados expressam uma relação de desigualdade entre dominadores e dominados, sendo que esses últimos considerados “inferiores” necessitam “suportar” as ações dos primeiros que são entendidas enquanto “racionalis”, “civilizatórias”, “cristãs”. Identificamos essa relação entre colonizadores e colonizados na América Latina, tema de pesquisa do autor, ressaltando que na maioria das vezes essa “tolerância” referia-se também à estratégia dos colonizadores aproveitarem as vantagens econômico-políticas

⁹ LOCKE, John: *Carta Acerca da Tolerância e Outras Obras*. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Abril, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).

¹⁰ VOLTAIRE. *Tratado sobre a Tolerância*. Tradução José M. Justo. Edição Antígona.

¹¹ CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade*. São Paulo: EDUNESP, 2003, p.03.

oferecidas pelos colonos. Assim, tolerar significava suportar as ameaças ou o domínio dos “povos superiores” em prol da conservação da vida, como também, suportar a presença de “povos bárbaros” a fim de conhecer as especificidades, mistérios, riquezas das colônias desconhecidas.

Essa concepção de tolerância perdurou por muitos séculos na América Latina justificando a colonização e em certo sentido as relações de desigualdade entre países “desenvolvidos” e em “desenvolvimento”. Vários movimentos político-culturais ocorridos principalmente no século XIX e XX agiram na perspectiva de desmascarar essa noção de tolerância que se aproxima mais de intolerância. Dentre esses movimentos, destacamos o processo revolucionário cubano (1950 até os dias atuais) no qual percebemos uma relação de intolerância política entre esse país e os Estados Unidos, levando em conta a trajetória de exploração vivenciada por Cuba desde o momento da colonização espanhola.

Cuba foi o último país latino-americano a libertar-se da tutela espanhola. Já no começo do século XIX, quando começou a independência da América espanhola, uma série de incidentes opuseram os criollos cubanos e a coroa espanhola. De 1820 a 1898, ano de independência, a Espanha fez reinar o terror na ilha, impondo uma permanente e sangrenta repressão. Contudo, a luta pela independência não deixou de se ampliar, sobre o comando do poeta Jose Martí, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. As obras de inúmeros intelectuais cubanos, bem como a influência exercida pelas idéias dos movimentos libertadores das Américas e de outros países no pensamento político dos criollos cubanos, fizeram aprofundar as contradições com a metrópole e avançar o movimento pela independência. Cuba era um grande produtor mundial de açúcar e café (...). A exploração da metrópole levava a falência os fazendeiros do açúcar, do café e do tabaco. Além do mais, os cubanos estavam praticamente privados de todos os direitos políticos e não tinham as mais elementares liberdades democráticas (...).¹²

Nessa citação, extraída do livro *História da América*, do autor Florival Caceres, percebemos uma relação de intolerância política principalmente por parte da Espanha em relação a Cuba, embora seguimentos da sociedade cubana tentassem resistir a essa dominação. Após o processo de independência, a presença dos Estados Unidos nas decisões político-econômicas de Cuba fica mais evidente. A exemplo disso, citamos a “imposição” da Emenda Platt.¹³

¹² CÁCERES, Florival. *História da América*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1992.

¹³ “Em 1902, o senado americano aprovou a Emenda Platt (nome do senador que a propôs) que dava aos Estados Unidos o direito de intervir em Cuba sempre que julgassem conveniente e de usurpar pedaços do solo cubano, sempre que desejassem”. Idem, p.243.

Para além da Emenda Platt, os Estados Unidos apoiaram a ditadura de Fulgêncio Batista elaborando estratégias para conter o movimento revolucionário. Nesse sentido, desde apoio bélico até medidas de boicote econômico foram empreendidos contra Cuba a fim de assegurar a permanência do imperialismo norte-americano nesse país. Todavia, ao encaminhar o processo revolucionário, anteriormente nacionalista, visto que objetivava restabelecer os direitos políticos e sociais da população cubana, para o socialismo, Cuba também adotou algumas medidas de caráter intolerante para com a cultura norte-americana, impedindo a circulação legal de alguns produtos culturais produzidos e divulgados pelos Estados Unidos. Essa forma de resistência, segundo Clodoaldo Meneguello Cardoso, aponta os limites exigidos da tolerância que no caso seria não aceitar a intolerância.

Ao lado de Cuba a maioria dos países da América Latina experimentou a intolerância, seja no campo religioso, político, econômico, cultural, etc. Por isso, muitos se rebelaram e se rebelam ao longo de suas trajetórias com a finalidade de conquistar uma autonomia em relação às potências econômicas, antigas metrópoles. Um dos principais justificadores da intolerância nos dias atuais é o sistema neoliberal que no plano cultural defende a idéia do multiculturalismo, considerada enquanto uma “faca de dois gumes”, no sentido em que propõe uma idéia de diversidade cultural baseada no relativismo, na indiferença, considerando “o diferente” em si mesmo, sem aplicar medidas político-sociais práticas, visando reconhecer a identidade humana desse “diferente”.

Em oposição a essa primeira concepção de tolerância divulgada no século XVI, Clodoaldo Meneguello Cardoso destaca uma segunda concepção, elaborada a partir dos movimentos de resistência empreendidos pelos “povos oprimidos” da América Latina, destacando as discussões e debates do “Encontro sobre a Tolerância na América Latina e no Caribe” realizado no Rio de Janeiro em 1994.

Tolerância, s.f. Atitude de reconhecimento, na teoria e na prática, do outro como outro e de respeito mútuo às diferenças; - capacidade de diálogo, de compreensão e de respeito mútuo entre posições tolerantes com idéias e valores diferentes; - respeito aos direitos universais inalienáveis da pessoa *humana*; - reconhecimento da diversidade cultural, contrapondo-se à hegemonia de uma cultura que domina e marginaliza as outras; - resistência a tudo aquilo que provoca opressões e desigualdades sociais; - ação solidária na superação das desigualdades sociais; - valorização da diversidade cultural a partir da consciência clara do valor da própria identidade e de seus limites; - capacidade de cooperação para alcançar objetivos comuns; - atitude de solidariedade entre indivíduos, grupos, povos, nações e, também, dos seres humanos para com a natureza em geral. ¹⁴

¹⁴ CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *Op. cit.*, p.12.

A aplicação desse conceito de tolerância ainda se constitui em um desafio para muitos povos excluídos da “cultura global”, mas os movimentos de resistência ocorridos ao longo do processo histórico têm atestado que a luta pela afirmação de medidas práticas no plano social e político não está muito distante da realidade desses grupos, que pleiteiam formas concretas de expressar tanto suas diversidades culturais quanto suas identidades.

Consideramos essas discussões relativas ao conceito de tolerância/intolerância indispensáveis para o professor discutir em sala de aula, ressaltando que essas relações permeiam as diferentes realidades vivenciadas pelos alunos. Assim, tolerar é, pois suportar a existência do outro e respeitar seu diferente pensamento, sua outra forma de agir. A tolerância é o primeiro e imprescindível passo para o reconhecimento do outro como sujeito.

“Conhecer para criticar”: Análise dos Livros Didáticos

Após refletirmos sobre o conceito de intolerância/tolerância construído historicamente, partimos então para a análise de dois livros didáticos, voltados para o Ensino Médio a fim de identificarmos como a temática da Revolução Cubana é apresentada. Ao trabalharmos com esse material julgamos necessário destacar que o livro didático constitui-se em mais uma forma de se interpretar os diferentes processos históricos. Nesse sentido, não deve ser utilizado como uma “bíblia”.

Para analisarmos esse material partimos inicialmente de duas problemáticas:

- Problemática 1: como a temática da Revolução Cubana é tratada no livro didático?
- Problemática 2: há uma preocupação dos autores em destacar a intolerância política, principalmente a norte-americana, em relação ao movimento revolucionário cubano?

Livro: *Toda a História* – História Geral e História do Brasil

Autores: José Jobson de A. Arruda e Nelson Piletti

Editora Ática - 4ª ed. São Paulo, 1995

Esse livro é dividido em seis unidades: Unidade I – Introdução ao estudo de História, Unidade II - Pré – História, Unidade III – As civilizações da Antiguidade, Unidade IV – A sociedade medieval, Unidade V – As sociedades modernas e Unidade VI – As sociedades contemporâneas.

Em relação ao título, História Geral, consideramos certa pretensão por parte dos autores em reunir em apenas uma obra conteúdos específicos. Uma vez que a idéia de geral refere-se a uma síntese do todo. Nesse sentido, as especificidades dos acontecimentos históricos não são enfatizadas em prol de “generalizações”, isto é, interpretações de situações específicas a partir de um único acontecimento.

Porém, reconhecemos que os autores utilizam o título História Geral, visto que o livro objetiva atender as três séries do Ensino Médio. Surge como uma proposta de condensar “Toda a História” em um único volume. De certo modo, significa uma economia para o público consumidor, mas por outro lado, limita a interpretação do aluno para um único material.

Nessa etapa é fundamental a atuação do professor enquanto agente político no sentido em que para além do livro didático adotado pela escola deve trazer outros materiais para a sala de aula, mostrando aos alunos que há várias interpretações sobre determinado fato histórico.

Observamos que os temas estão separados por períodos: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, contribuindo para a formação de uma concepção de História “fragmentada”. Desse modo, negligencia a noção de uma História “relacional”, isto é, um conhecimento produzido a partir do estabelecimento de relações entre períodos e acontecimentos distintos, respeitando as especificidades.

A temática da Revolução Cubana é apresentada na Unidade IV (Sociedades Contemporâneas) no capítulo 98 – O bloco socialista. O título do capítulo já reduz o movimento revolucionário cubano ao caráter socialista. Os autores não destacam o caráter imediato da Revolução: o nacionalismo. Começam a abordar o processo revolucionário cubano a partir da ditadura de Fulgêncio Batista (década de 1950), enfatizando a liderança de Fidel Castro durante esse período, mas não se preocupam em localizar Cuba geograficamente nem historicamente. Enumeram fatos (Sierra Maestra, A crise dos Mísseis, Princípio da Abertura) sem apresentar um posicionamento político claro.

Quanto à intolerância política entre Cuba e Estados Unidos destacam apenas os “boicotes” norte-americanos realizados contra o processo revolucionário, não indicando a bibliografia utilizada na elaboração do capítulo. A ação norte-americana sendo mais enfatizada do que a própria Revolução Cubana, não seria uma forma de intolerância?

Finalmente, percebemos que tais autores não demonstram uma intenção de atrair o aluno para além do texto do capítulo, uma vez que o livro não apresenta fotografias, textos atuais, etc. Apenas ao final deste são apresentados alguns mapas na seção: “Atlas Históricos”.

Livro: *Nova História Crítica* – Moderna e Contemporânea

Autor: Mario Furley Shmidt

Editores: Nova Geração, São Paulo, 2000.

Esse livro é dividido em 33 capítulos, abordando temas do período Feudal até a América Latina no século XX. É o segundo volume de uma coleção dividida em três volumes destinados aos alunos do Ensino Médio.

O processo revolucionário cubano é discutido juntamente com os movimentos revolucionários nacionalistas, populistas, ditatoriais, operários, etc., ocorridos na América Latina em meados do século XIX e século XX.

O autor inicia a discussão da temática destacando a cobiça dos norte-americanos em relação a Cuba, chamando-os a todo o momento de “ianques”, referindo-se ao imperialismo dos mesmos. Tem a preocupação de enfatizar o caráter nacionalista da Revolução contra a ditadura imposta por Fulgêncio Batista; cita as primeiras medidas tomadas por Fidel Castro após a vitória revolucionária, destacando a reforma agrária, reforma urbana e nacionalização das empresas, como também as dificuldades enfrentadas pelo país.

Enumera fatos (Sierra Maestra, A crise dos Mísseis, Princípio da Abertura), apresentando o descontentamento dos EUA, o isolamento de Cuba e sua aproximação com a União Soviética. Para finalizar a discussão apresenta um pequeno tópico destacando o socialismo cubano, e além disso, a situação de Cuba com o fim da URSS. Em relação à tolerância/intolerância política o autor prioriza apenas a intolerância norte-americana, tomando Cuba enquanto a “vítima” da situação.

Ao que diz respeito à estética do livro identificamos que este se preocupa em atrair a atenção do aluno para além do texto, apresentando fotografias, dados estatísticos, curiosidades etc.

O exercício de análise desses livros motivou-nos a pensar como tem sido o nosso olhar para o livro didático no decorrer do curso de graduação em História. Uma das maiores críticas que ouvimos desde que ingressamos no ensino superior é em relação ao livro didático. Muito se fala e estuda sobre esse material tão utilizado pelos professores dos ensinos fundamental e médio. Alguns pesquisadores simplesmente abominam sua utilização e muitas vezes culpam-no da precarização da educação escolar. Porém, sabemos que o livro didático muitas vezes é o único material que professores e alunos possuem como referência.. Segundo Bittencourt é preciso atentar que:

O livro didático é antes de tudo uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado (.....) É importante destacar que o livro didático como objeto da indústria cultural impõe uma forma de leitura organizada por profissionais e não exatamente pelo autor. ¹⁵.

Não estamos aqui para simplesmente “denegrir” a imagem do livro didático, mas sim para conhecê-lo, apresentando alternativas de utilizá-lo, juntamente

¹⁵ BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 71.

com outros recursos teórico-didáticos. Considerando que ao mesmo tempo em que ele atende às exigências do mercado, da indústria cultural, constitui-se também num depositário de conteúdos escolares a serem trabalhados em sala de aula.

Diante da proposta apresentada ao início desse trabalho, sugerimos algumas fontes para serem utilizadas em sala de aula para se tratar da temática da Revolução Cubana. Muitas alternativas de recursos teórico-didáticos têm sido apresentadas e discutidas em encontros de professores¹⁶, em obras acadêmicas etc. O trabalho de Selva Guimarães Fonseca intitulado: *Didática e Prática de Ensino de História*, com destaque para o capítulo 6 – A incorporação de diferentes fontes e linguagens no ensino de história – aponta algumas alternativas de trabalhar os conteúdos da disciplina História na sala de aula para além da utilização do livro didático.

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e vida social, mas também a necessidade de (re) construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula. O professor não é mais aquele que apresenta um monólogo para os alunos ordeiros e passivos que, por sua vez, “decoram” o conteúdo. Ele tem o privilégio de mediar as relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica. As linguagens são constitutivas da memória social e coletiva.¹⁷

Conforme a autora Selva Guimarães afirma, é necessário que o professor esteja atento à realidade vivenciada pelos alunos, elaborando um material didático que “faça sentido nessa realidade”, ou seja, que consiga atrair a atenção dos alunos. Para lograr esse êxito, o planejamento de cada aula e a prática da pesquisa em diferentes fontes é indispensável. Ao trabalhar com várias linguagens (música, texto literário, filme, textos jornalísticos etc.) é necessário que o professor tenha a “sensibilidade” necessária para identificar até que ponto tais linguagens foram

¹⁶ No VIII Encontro dos Professores de História do Triângulo Mineiro, realizado nos dias 11 a 13 de setembro de 2006, no Centro Municipal de Estudo e Projetos Julieta Diniz – CEMEPE, tivemos oportunidade de participar de alguns debates relacionados à utilização de diferentes recursos teórico-didáticos ao ensino de História.

¹⁷ FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino em história*. Experiências e reflexões e aprendizados. Campinas – SP: Papirus, 2003, p.164.

recepcionadas pelo universo cultural, social e material dos alunos. Também é fundamental apresentar as especificidades de cada tipo de fonte, a fim de que o aluno perceba que um conteúdo do ensino de história pode ser tratado de diferentes formas.

Sugestões Teórico-Didáticas

Após realizarmos um levantamento de materiais produzidos sobre a temática da Revolução Cubana, presentes na biblioteca do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia e na Internet, propomos algumas sugestões teórico-didáticas para se trabalhar com essa temática para além da utilização do livro didático. Os materiais selecionados foram os seguintes:

- **Documentário** – “*Che Guevara*”¹⁸ – Trata do processo revolucionário cubano destacando a trajetória político-revolucionária de Ernesto Che Guevara a despeito do consagrado “herói” da Revolução Fidel Castro.

➤ Obras Acadêmicas:

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz Bandeira. *De Martí à Fidel : A Revolução Cubana e a América Latina*. – “Aborda os diversos momentos do processo revolucionário em Cuba, sobretudo a partir dos anos 30, quando, em meio a uma revolta popular, o sargento Fulgêncio Batista capturou o poder em Havana (...)”.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. – O autor realiza um “estudo dos movimentos pela independência cubana no século XIX, desenvolvendo algumas explicações sobre as acomodações mutiladoras impostas pelo imperialismo norte-americano, destacando o fato de uma manipulação da burguesia local. Interpreta a guerrilha como força instituidora de uma mentalidade, uma fraternidade, uma organização e, no limite, um estado socialista (...)”.

➤ Discursos de Fidel Castro:

“A História me absolverá”- 16 de outubro de 1953

“Manifesto da Serra” – 12 de junho de 1957

“Discurso de 16 de Abril de 1961”

“Segunda Declaração de Havana” – 4 de fevereiro de 1962

➤ Artigos da Internet:

<http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-cubana.htm>

¹⁸ Este documentário foi exibido no canal fechado “Mundo”.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2004/03/25/004.htm>
<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2002/08/12/000.htm>
<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=248>

► **Artigos de Jornal “*Folha de São Paulo*”**

“Raul Castro teria ordenado derrubar aviões de grupo anticastrista” – 20/08/2006

“Leia Cronologia do Governo Fidel Castro” – 01/08/2006

“E.U.A. respondem a Raúl Castro que não têm planos de invadir Cuba – 18/08/2006”.

“Enciclopédia revela paradoxos da esquerda latina” – 19/08/2006

“Brasil não vai intermediar transição em Cuba, afirma Amorim – 19/08/2006”.

Esses materiais, ao abordarem o tema da Revolução Cubana de diferentes perspectivas, oferecem ao professor alternativas de elaborar uma aula criativa, interessante, despertando a atenção dos alunos por meio da utilização de diferentes linguagens. Ao trabalhar com essas linguagens é necessário que o professor estude, pesquise as especificidades, os alcances dessas linguagens na realidade dos alunos a fim de que ocorra uma aula interativa.

Considerações Finais

A realização desse trabalho possibilitou entendermos que a prática do professor ultrapassa a questão do ensino, sendo que também a pesquisa é indispensável na formação e atuação desse profissional. A disciplina de Oficina em História I aponta a necessidade do profissional em História produzir seu próprio material didático a partir da pesquisa em diversas fontes e linguagens.

Nesse exercício, o professor/pesquisador apresenta também suas convicções políticas, influenciando na formação escolar/humana dos alunos.

Referências:

Bibliográficas

ARRUDA, José Jobson de A, PILETTI, Nelson. *Toda a História*. São Paulo: Ática, 4ª ed, 1995.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz Bandeira. *De Martí à Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

CÁCERES, Florival. *História da América*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1992.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade*. São Paulo: EDUNESP, 2003.

ECO, Umberto. Definições léxicas. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/ Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino em história*. Experiências e reflexões e aprendizados. Campinas – SP: Papirus, 2003.

HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a intolerância. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

LOCKE, John: *Carta Acerca da Tolerância e Outras Obras*. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Abril, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).

RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SADER, Emir. *Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina*. Editora Atual, 1987.

SADER, Emir (org.). *Fidel Castro*. São Paulo: Ática, 1987.

SHMIDT, Furley. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração, 2000.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a Tolerância*. Tradução José M. Justo. Edição Antígona, 1978.

WIESEL, Elie. Prefácio. In: *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Sites consultados

<http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-cubana.htm>
<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2004/03/25/004.htm>
<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2002/08/12/000.htm>
<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=248>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u98528.shtml>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99198.shtml>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99158.shtml>
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/07/060727_cuba_fidel.shtml
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99159.shtml>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99238.shtml>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Elie_Wiesel